

■ PAMPULHA

Chuva traz aporte dobrado de lixo, agravando o mau cheiro e a nata de poluição na represa. Com novo contrato, Prefeitura de BH promete retomada da qualidade da água em seis meses

Estação da sujeira na lagoa

GUILHERME PARANAIBA

Se no período de maior calor a poluição exala um mau cheiro que incomoda muito os frequentadores da Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte, na temporada chuvosa, o odor e a nata verde formada pela sujeira são incrementados pelo aporte de lixo que chega ao dobro da época de estiagem. Com entrada diária de resíduos sólidos de até 20 toneladas no cartão-postal todos os dias, a crosta de poluição acaba prendendo esse lixo, piorando bastante o aspecto do espelho d'água. Essa situação deixa a população desconfiada com os resultados do trabalho de despoluição, e cobra melhorias no ponto turístico, que integra o conjunto moderno e paisagístico declarado patrimônio cultural da humanidade em 17 de julho de 2006, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

A reportagem encontrou vários pontos da represa com alta concentração de poluição. Em um deles, próximo à Igreja de São Francisco de Assis, a sujeira flutua no local onde a lagoa recebe um de seus afluentes. Nessa área, o mau cheiro incomodava bastante ontem. Uma mulher que caminhava por ali, ao ver a presença da equipe do Estado de Minas na grama bem perto do reservatório, registrando a sujeira, tampouco o nariz e questionou como a reportagem conseguia ficar tão perto de um lugar com tanto mau cheiro. Mais à frente, no entorno do Mirante Bem Te Vi, a crosta de sujeira tinha a companhia de muito lixo. Garrafas, bolas de futebol e todo o tipo de material. A situação impressionou o aposentado Sérgio An-



Objetos carreados pela enxurrada se juntam à crosta que cobre a superfície da lagoa: entrada de resíduos sólidos chega a 20 toneladas por dia no cartão-postal

tônio de Alvarenga, de 57 anos, que parou sua bicicleta para observar. "Faço esse passeio quase todos os dias e tenho observado uma piora da situação da lagoa. Chega a dar dó, porque a Pampulha é um patrimônio da humanidade e eu fico muito triste com essa degradação", afirma.

A assistente social Daisy Dias Lopes, de 63, diz que mora perto da lagoa há 23 anos e que houve avanços nesse período em relação à limpeza do reservatório. Mas ela critica a falta de continuidade de ações de despoluição. "Acho que precisamos de uma política que se mantenha independentemente de quem seja o

governante. A limpeza precisa ser frequente", afirma. A reclamação de Daisy diz respeito à paralisação do tratamento que foi feito nos últimos dois anos, mas ficou seis meses suspenso após o encerramento do contrato que regulava o serviço.

O trabalho só foi retomado no mês passado e a Prefeitura de Belo Horizonte admitiu que houve piora na qualidade da água da lagoa enquanto parou de ocorrer o tratamento. O contrato que vigorou de março de 2016 a igual mês deste ano teve investimento de R\$ 36 milhões na aplicação de dois produtos

principalmente atacando o nível de fósforo e a matéria orgânica. Segundo a prefeitura, cinco níveis considerados pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) para medir a qualidade da água foram enquadrados na classe 3 após o uso dos produtos, padrão que permite a prática de esportes náuticos. Mas o fim do serviço e a interrupção na aplicação dos chamados biorremédios fez com que a poluição aumentasse e os indicadores extras pudessem o limite da classe 3.

No mês passado, o trabalho foi retomado, a partir da recontração da mesma empresa que prestou o serviço com dispensa de li-

citação. O preço do contrato caiu de R\$ 18 milhões por ano para R\$ 16 milhões, mas ainda não foram divulgados os primeiros resultados da retomada. Na semana passada, o secretário de Meio Ambiente de BH, Mário Werneck, comentou sobre a situação do espelho d'água quando explicava o manejo das capivaras que vivem na orla. Ele destacou que a prefeitura está desenvolvendo um trabalho técnico para ser referência e conduzido de forma contínua, mas por enquanto não é possível comemorar a solução do problema, porque é uma tarefa muito difícil. "A gente não pode trans- mitir para a sociedade que é um

trabalho fácil", disse Werneck.

Ontem, a prefeitura informou, por meio da Superintendência de Desenvolvimento da Capital (Sudcap), que com a retomada dos trabalhos em outubro, a meta é que água da lagoa alcance novamente a Classe 3 em até seis meses. "A melhoria da qualidade da água será gradual e já deverá ser percebida pela população nos próximos dois meses. As medições serão trimestrais", disse, por meio de nota. "Serão perceptíveis a melhoria no visual do espelho d'água e ausência de maus odores como consequência da redução da carga poluidora", conclui o texto.

MIRANTE DA SAPUCAÍ

Galeria a céu aberto ganha novos painéis

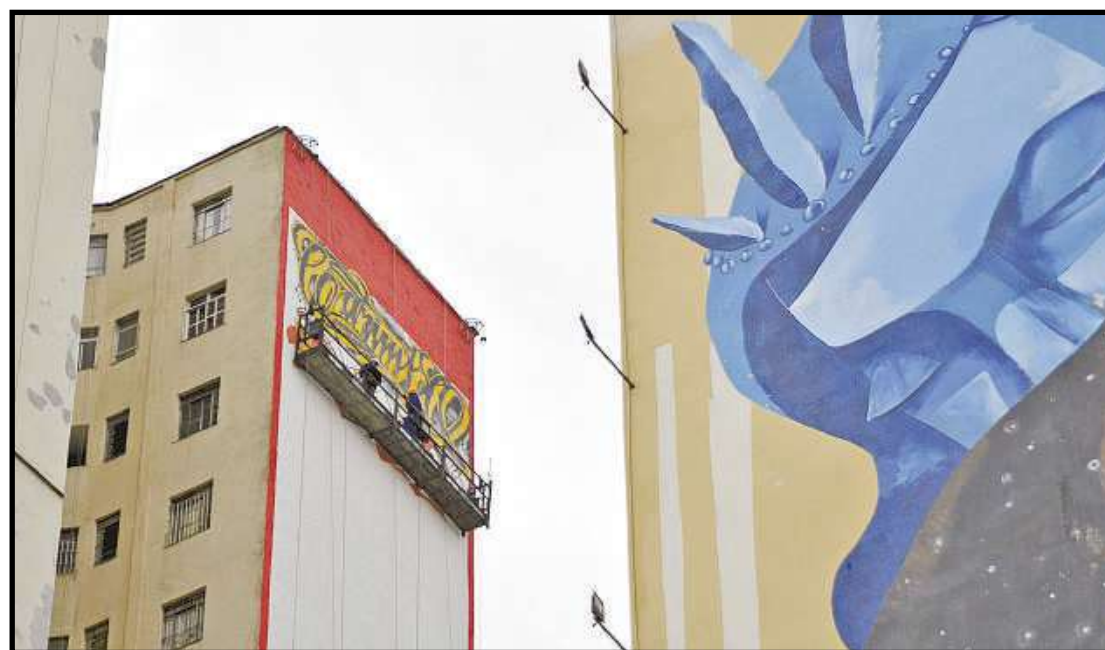
LARISSA RICCI

Cobrir o horizonte urbano com cores e transformar a paisagem da capital mineira em uma galeria de arte a céu aberto. Esse é o objetivo do Circuito Urbano de Arte (Cura), que volta em sua terceira edição para "desacincizar" mais quatro paredes de concreto do Centro de Belo Horizonte. Ontem, a paisagem vista da Rua Sapucaí, no Bairro Floresta, na Região Leste de BH, começou a ganhar novas formas: os andaimes nas alturas do Amazonas Palace Hotel, do Edifício Chiquito Lopes e das duas torres do Edifício Satélite já entregam os endereços que receberão os novos desenhos. A primeira edição ocorreu em julho de 2017 e, em dezembro, foi feita uma edição especial em homenagem aos 120 anos da capital mineira. Agora, serão 10 empenas para embelezar o entardecer no mirante, que ganhou o coração dos belo-horizontinos.

A ideia de fazer as pinturas simultâneas surgiu pelo olhar da artista visual Priscila Amoni e das produtoras Juliana Flores e Janaí-

na Macruz. Elas não viam apenas paredes sem graça, mas telas que aguardam desenhos. Ao sonhar que a capital se torne referência internacional no conceito de artes urbanas, o trio concebeu o Cura. Os prédios foram mapeados a partir da vista da Rua Sapucaí, onde foi estabelecido o mirante. "Já estamos na nossa terceira edição, aumentando nossa coleção de arte a céu aberto. É uma grande declaração de amor a Belo Horizonte. E, além de presentearmos a cidade com empenas feitas por artistas incríveis e diversos, o projeto já permitiu que o local se tornasse um ponto de referência da cidade e de turismo. Nem na Europa se encontra um lugar onde se pode observar todos os prédios pintados de um mesmo lugar", contou Priscila, que estampou uma mulher negra, de corpo inteiro, no Edifício Hotel Rio Jordão, na primeira edição do circuito.

A abertura oficial do festival ocorreu ontem, mas foi no domingo que artistas começaram a pintar as empenas do Edifício Satélite, condomínio construído em



JUAREZ RODRIGUES/EM/D.A.PRESS

1958. Na edição 2017, a fachada cega do prédio menor foi pintada e, agora, o Cura retorna ao condomínio para preencher as empenas disponíveis. E foi a caligrafia, arte fundadora do grafite, o tema escolhido para uma das torres do edifício. Trata-se de uma ação inédita e recebeu o nome de *Empena de letras*. "Estamos dando um passo importante em direção ao diálogo com a cidade. Estamos ampliando nossas vozes, com a voz da rua e do hip-hop. Queremos mostrar que a periferia também pode estar no Centro da cidade. Entretanto, esse tipo de caligrafia é muito questionada por sua estética. Trata-se do meio-termo do que muita gente acredita que é ou não arte. Queremos levantar essa discussão: nem sempre arte tem a ver com beleza. Além do achismo, cada tipo de arte tem sua importância na sociedade", comentou Priscila.

Para o projeto, foram convida-

dos dois representantes de BH para conceber e fazer a curadoria dessa obra: Surto e Nica. Os dois tiveram a missão de reunir artistas que ilustrassem os diferentes estilos, técnicas e linguagens da caligrafia do grafite. E 21 artistas foram selecionados – 13 homens e 8 mulheres – para erguer o mural com mais de 62 metros de altura, coberto totalmente por letras. Serão pintados um nome por faixa para permitir a apreciação da obra de cada artista. "A *Empena de letras* traz a valorização do elemento primordial do grafite que são as letras com toda sua diversidade de caligrafia. O grafite em si deu seu salto das ruas para galerias e vem ganhando espaço nas alturas com a letra como essência. Aqui, cada artista tem a oportunidade de escrever sua 'tag', ou seja, sua assinatura", Hisne, uma das artistas convidadas. Na torre ao lado estará a arte do artista plástico Comum. Atuante na cena de arte de rua, ele

Artistas iniciam a pintura no Edifício Satélite, na Rua da Bahia, que receberá a obra *Empena de letras*, reunindo 21 nomes da arte de rua

utiliza técnicas como o stencil (técnica para aplicar um desenho ou ilustração por meio da aplicação de tinta, aerossol ou corte) e a pintura com rolinho e látex.

Patrimônio histórico e artístico de Belo Horizonte, o Amazonas Palace Hotel também vai ser contemplado. Sua empena tem 1.060 metros quadrados e é possível vê-la inteira da Rua Sapucaí, entre a avenida Francisco Sales e Rua Tapuias. A arte será feita pela argentina Hyuro, que desembarca na capital mineira hoje e começa os trabalhos na quarta-feira. "Ela é considerada um dos principais nomes femininos do novo muralismo contemporâneo", afirmou Priscila. Entre muitas das questões abordadas por

ARTE NA RUA

Confira onde estão os painéis e quem são os artistas

PRIMEIRA EDIÇÃO (2017)

» **EDIFÍCIO RIO TAPAJÓS**
Onde: Rua da Bahia, 325, Centro
Artistas: Acidum Project (Tereza Dequina e Robézio Marqz)

» **EDIFÍCIO SATÉLITE**
Onde: Rua da Bahia, 478, Centro
Artista: Thiago Mazza

» **EDIFÍCIO TRIANON**
Onde: Rua da Bahia, 905, Centro
Artista: Marina Capdevilla

» **HOTEL RIO JORDÃO**
Onde: Rua Rio de Janeiro, 147, Centro
Artista: Priscila Amoni

SEGUNDA EDIÇÃO (ANIVERSÁRIO DE BH)

» **EDIFÍCIO PRÍNCIPE DE GALES**
Onde: Rua Tupinambás, 179, Centro
Artista: Davi Melo Santos

» **GARAGEM SÃO JOSÉ**
Onde: Rua Tupis, 70, Centro
Artista: Milu Correch

TERCEIRA EDIÇÃO (2018)

» **AMAZONAS PALACE HOTEL**
Onde: Av. Amazonas, 120, Centro
Artista: HYURO

» **ED. CHIQUITO LOPES**
Onde: Rua São Paulo, 351, Centro
Artista: Criola

» **ED SATÉLITE**
Onde: Rua da Bahia, 478, Centro
Empena 1: Comum
Empena 2: 21 artistas dividirão as telas

AÇÃO ABERTA

As cadeiras de praia já estão postas. Pela terceira vez, a execução dos trabalhos poderá ser acompanhada durante todo o Festival do Cura na Rua Sapucaí. A ideia é convidar as pessoas a tomar uma cerveja gelada enquanto apreciam o trabalho dos artistas. Além disso, o circuito conta com uma programação de debates, na Casa Sapucaí – em frente ao número 303, todos os dias, das 16h às 22h. Espaço público em debate, mulheres nas artes visuais e a sobrevivência do artista independente serão alguns dos temas abordados em mesas de debate. A programação, que ficará no local até o encerramento das pinturas e grafites, em 18 de novembro, pode ser conferida no site do circuito: cura.art.com. O projeto todo foi viabilizado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais e patrocinado pela Cemig e Budweiser.

ela, destaca-se a figura da mulher. A artista propõe uma reflexão sobre identidades individuais e coletivas, questionando as condições de liberdade como direitos fundamentais de cada um. Outra mulher escolhida para o projeto foi Criola. Considerada porta-voz da nova safra feminina de artistas visuais que utilizam o grafite como instrumento de afirmação dos negros, ela fará seu trabalho no Edifício Chiquito Lopes.